

Da poesia para a crónica

(Recensão sobre *Dos Maus e Bons Pecados*)

Devo começar por referir que me habituei a admirar o jovem João Ricardo Lopes, desde a altura em que começou a publicar os seus livros de poesia. Primeiro os premiados ***a pedra que chora como palavras*** e ***além do dia hoje***, ambos de 2011; depois ***contra o esquecimento das mãos*** (2002) e ***dias desiguais*** (2005), edições da operosa editora fafense Labirinto. Nestas obras — de títulos que são autênticos achados literários... — está presente um poeta de raríssima qualidade, de acerado rigor, de incontornável valia no âmbito da nova geração de poetas portugueses.

Já tive a oportunidade de lhe confidenciar que se publicasse em Lisboa seria uma das vozes mais mediáticas e aplaudidas da poesia contemporânea. Não publica, e é pena. No entanto, o valor da sua obra mantém-se intacto; o alcance da sua criação é que não atinge o público que o seu valor indubitavelmente merece e justifica.

Ao chegar aos 30 anos de vida, chega ao seu quinto título de produção literária, enveredando por um novo género na sua carreira — a crónica — com o título ***Dos Maus e Bons Pecados*** (Opera Omnia).

Devo afirmar que esta obra acaba por não me surpreender grandemente. Primeiro porque já conhecia algumas crónicas publicadas durante ano e meio no *Correio de Fafe*, cuja leitura me deliciava. Depois, porque o talento do João Ricardo Lopes é capaz desta e de muitas mais proezas, disso estou seguro.

Por isso, não é de admirar que presenteie os seus leitores com uma obra de fôlego, com mais de meia centena de narrativas de diferente cariz, das introspectivas às amorosas, às românticas, às poéticas, às preocupadas ou revoltadas com as dores do mundo.

São 53 textos, escritos ao longo de vários anos, desde os tempos em que frequentou a Universidade até ao ano em curso, e que se inscrevem no género literário da crónica, mas alguns deles são pequenas ficções — *short stories* — e outros autênticos exercícios de prosa poética.

Aliás, a mão que escreve ***Dos Maus e Bons Pecados*** é a mão do poeta, que ali se denuncia, incontornavelmente. João Ricardo Lopes é a mão é, fundamentalmente, um poeta, no que faz, no que

escreve, nas atitudes que enformam a sua vivência. Este livro é uma prova cabal dessa coexistência pacífica entre a linguagem do dia-a-dia e a poesia que o escritor dela consegue extrair.

São imensos os temas e problemas suscitados ao longo de mais de 150 páginas de crónicas, para saciar a fome de escrever, “que não se explica, mas que não raro tortura”, escreve o autor.

Desde a evocação do poeta Santiago Rui, que se perdera na aridez dos dias; à crónica da sexta-feira santa; à magia dos pequenos gestos, das coisas belas e naturais; ao conceito de felicidade; aos livros da Biblioteca Municipal e aos que João Ricardo começou a publicar; à exaltação dos amigos, “as preciosas âncoras que temos neste mundo”, ao circo, de que nunca gostou; à coisa pavorosa que é chegar-se aos doze anos; às touradas que detesta; ao aniversário; ao fado de que aprendeu a gostar, com Carlos Paredes; ao super-homem que é o professor, profissão que adora, “sonhador até se acabar de vez o pavio dos sonhos”; à epopeia que é a segunda-feira; à Foz, como um dos lugares que por natureza são eternos; a Janeiro ou a Março, como meses simbólicos; aos gatos, de que admira a compleição física, o sentido de liberdade, até a indiferença com que nos olham e nos manipulam; aos *moleskines* (caderno de apontamentos), de que diz ser um maníaco consumidor; aos 30 anos, “e que se foda! Pertença a este dia, hoje não vou trabalhar”, como exclama a páginas 126; ao S. João, um ritual que anualmente se repete; às férias; aos animais de estimação, cujo abandono lastima; à crónica do Latim que lhe escapou e, enfim, à Musa (*Romana*) que encerra, e incendeia, a sua escrita.

Eis o cronista que manifesta o seu enleado amor poético ao pai e à mãe, bem como às irmãs Elsa, Marta e Catarina. A sua crónica «Mãe» é simplesmente encantadora.

O cronista que cita pensadores e poetas como Cioran, Camus, Dante ou Neruda, para justificar os seus argumentos.

O cronista que se traveste de mulher, em «Devo ter envelhecido»; em Jerónimo, no texto «Na praça»; em Leandro, na crónica «Janeiro»; em Américo, em «Do teu medo de conduzir», entre outras ficções.

O cronista que sabe das plantas e dos momentos únicos do tempo, os pequenos flagrantes da vida, o sortilégio das pequenas coisas a que normalmente não damos atenção. Sabe das tílias e plátanos, e casuarinas, encefalartos, palmeiras, cedros, salgueiros, araucárias, japoneiras, hortênsias, gladiólos, sardinheiras e gerânios — tanto sabe o cronista de botânica...

O cronista que se compraz nas expressões prosaicas do Pires Padeiro (“Menino, não penses na puta da vida, pensa é nas gajas”), ou no ditado do Sebastião da Peixaria (“Quem não trabalha e não herda, nunca há-de passar de uma grande merda”); ou no adágio do gerente da Caixa Agrícola (“Tipo que não malha é porque a tem de palha”).

O cronista que enxameia os seus textos com recursos estilísticos que conferem sabor, sedução e surpresa à escrita — as comparações, as metáforas, as imagens, etc. — que são, afinal, a matéria de que é feita a melhor literatura.

Exemplos, ao acaso: “(...) destapo a parker, disparando-a como um raio sobre a brancura das folhas (...)” (p. 17); “(...) o outro, alto e murcho, como uma beata retorcida (...)” (p. 44); “(...) o aparato das tendas gigantes, fatiadas como um bolo de muitas cores comidas pelo sol (...)” (p.47); “(...) chovia que Deus a dava, enquanto a relojoaria do coração ameaçava desarticular-se de ansiedade (...)” (p. 65); “(...) às vezes o sol assalta-lhe o rosto e parece-me então um majestoso poema, um rio de palavras caminhando pelo azul (...)” (p. 98)...

O cronista, João Ricardo Lopes, tem a doença da escrita, o ofício de acenar diariamente às palavras. É um obcecado pela escrita: preocupa-se acima de tudo em estar de bem consigo e com as palavras.

Ele o confessa: gosta de observar, sentir de perto a natureza humana, pela pulsão da escrita.

Dos Maus e Bons Pecados é um livro que sinaliza a maturidade literária do seu autor. João Ricardo Lopes é um escritor a seguir atentamente.

Artur F. Coimbra (Fafe, 2007)